

Sônia Fátima da Conceição

Textos selecionados

Te amo

A lembrança é concreta
Teu hálito roça-me a face
O desejo
afasta
o ridículo

No suor o visco
do esperma
Na boca o gosto
do falo

Indecentes
Tuas mãos
Tateiam meu corpo

o orgasmo varre
valores, pecados
Te amo.
(*Cadernos Negros 17*, p. 72)

Negrinha

O olhar perde-se
Infinidade de dúvidas
Ondas em cirandas
Cercando a infância
De sanhas insanas

Decepastes as bonecas
Em mares de indiferenças
Mergulhei fundo, contive
Em tuas entranhas, brincos
Brincadeiras indescritíveis

Arrastada às cozinhas abastadas
Percorri impassível entre:
Brilhos, bombril, resmungos,
Choros da criança que sou
E não era eu

O sol do meu riso
Derrama-se em felicidades ingênuas

Irascível . a ira . derrama-se
Incandescente em teu coração
Negrinha! Tiziu! Tição!
Ressoam ventos adormecidos
em desertos de sal

tu me atinges
o coração rios em chama
a margem . revolta

torrentes tempestuosas
arremessam ao infinito
tua tentativa ingênua
de romper castelos, fadas
cirandas, infância.
(*Cadernos Negros 19*, p. 160)

Obsessão

Ao amigo

Alfredo Boulos Júnior

O coração comanda meus atos. Sob seu compasso reviro de forma desordenada a gaveta da antiga cômoda. Angustio-me ante a busca inútil. Cansado, sinto o suor verter em minha fronte, enquanto um vento bom atravessa rápido a janela. Meu olhar circula lento o quarto todo. Sinto ternura ao visualizar cada peça de roupa, cada gaveta, cada armário. A velha escultura africana presa à parede do quarto, deixa-me bem. Reanimado, volto a buscar ansioso e: nada!

Cerquei-me de desconfianças. Um receio me trouxe dor, tristeza. Teria mexido em minhas coisas? Teria cumprido a promessa idiota de sumir com minha camisa? Desapontado com meus pensamentos, retornei à procura.

Retirei pacientemente peça por peça da gaveta. Em alguns momentos a ansiedade da busca roubava os meus sentidos e, traído pelos meus nervos, não sabia mais o que estava procurando. A visão embaralhava-se diante das diferentes cores das roupas na gaveta. Minhas mãos tremiam. Em meio ao enorme mal-estar, o copo de água com alecrim sobre o criado-mudo pareceu uma luz. Aproximei-me do móvel. Segurei com firmeza o pequeno copo. Sorvi um gole. Um bem-estar percorreu meu corpo. Senti-me forte. Estaria na lavanderia? Meu rosto queimava, sentia coceira na cabeça. Cravei firme as unhas no couro cabeludo deixando em desalinho minha carapinha. A aflição tomou novas proporções, novos pensamentos dançavam em minha mente: dúvidas, raiva. . .

- L A U R A A A A I _ gritei, assustando o pequeno gato, único espectador da cena.

- Um instante, querido.

Percebi que sua voz era melodiosa apesar da tensão. Respirando ofegante e arrastando o pequeno chinelo, ela se aproximou. Em poucos segundos atravessou a cozinha e a sala.

Foi de forma tímida que a ação do tempo fez frente à sua beleza. Ela trazia sempre a delicadeza e a força dos canteiros de alecrim, arruda, guiné, que cuidava, com carinho, toda tarde. Laura é linda! Seus olhos, no momento cheios de apreensão, davam luz ao seu rosto.

- O que foi, homem de Deus? Você quer me matar do coração?

- Você deu fim à minha camisa?

- Que camisa?

- Você sabe muito bem.

- Q U A L? - insiste ela, disfarçando um riso no canto da boca.

- A xadrez de flanela.

Laura permaneceu firme. Nos olhos um misto: riso e medo.

Sua implicância com minha camisa era antiga. Ora era o tipo de xadrez, muito caipira; ora as cores berrantes que não combinavam com nada, dizia ela. A ausência da minha camisa xadrez fazia com que meu apego a esse objeto aumentasse ainda mais.

Meu coração tolo, desajustado, deu para apegar-se de forma estranha às coisas. Era assim com aquela camisa, pois o prazer que sentia ao vesti-la era algo inexplicável.

Foi numa manhã de sábado que a comprei. Nenhum dos meus argumentos fez com que Laura deixasse os seus afazeres para acompanhar-me às compras naquela manhã. Os movimentos de luz, cores e pessoas naquela loja me deixaram inseguro, tornando ainda mais insuportável sua ausência. Mas senti tranquilidade ao ver a camisa sobre o balcão entre muitas outras. Bem atendido, fiz a compra de forma rápida, segura. Sentia-me satisfeito e, em nenhum momento pensei que Laura pudesse não gostar.

-- Sua camisa está no quatinho de costura. Peguei para cerzir os punhos. Estavam esgarçando.

Havia desdém no tom de sua voz. Minha necessidade de vestir sempre aquela camisa deixava Laura irritada.

-- O que vão pensar os outros? Este pobre infeliz não tem mulher?

Minha atitude incomodava seu coração, pois os vizinhos eram cruéis, não poupavam comentários, colocando em dúvida sua condição de perfeita dona do lar.

O tempo fez germinar em mim as manias. Sentia medo diante dos limites do seu poder, pois vinha num crescendo me roubando coisas. Já não era a mesma agilidade a mover braços, pernas. A visão titubeava, se escondia, a cabeça enganava de forma dura. A velhice chegava carregada de crueldade, fragilidade, criando falsas expectativas.

As dificuldades, a labuta do dia-a-dia faziam com que muitas vezes Laura não me entendesse. Em certos momentos era compreensiva, carinhosa buscava formas para me fazer mudar:

-- Você precisa parar com isto. Só por causa homem!

Às vezes, como naquele momento, ela era tão somente crueldade:

-- Você precisa parar com isto. Só por causa de uma camisa? Olhe para o seu estado, homem de Deus! Assim você acaba morrendo antes do seu neto virar homem.

Laura sabia como atingir. Falar do neto era trazer à tona minha impotência. Era mostrar de forma fria que o tempo tinha me roubado poder. Meu coração enchia-se de tristeza diante desse assunto.

Por mais que tento, não consigo entender. O carinho, a ternura alimentou Laura durante a gestação. Nada explica a atitude de Marcos. Eu amei com intensidade cada forma que ele desenhava na barriga de sua mãe. Eu e Laura sentíamos juntos os seus chutes desmedidos. O cabelo de Laura ganhou intensidade durante a gravidez, contrariando o que dizem:

-- Grávidas perdem cabelo.

E nós, felizes, ríamos desta inverdade, em nosso estado grávido.

O tempo seguiu calmo, preciso. A casa preparou-se para a chegada do rebento. Com as pessoas chegaram esperanças, fraldas, risos, brinquedos. . . Cores vivas enfeitaram o pequeno quarto.

-- Cores estimulam, ajudam a desenvolver a mente das crianças.

Marcos aconteceu em nossas vidas num outono. Caía uma chuva pesada.

-- Sorte -- diziam alguns.

- Desenganos - outros.

Ele era forte, bonito, porém inquietava-me o tom claro de sua pele.

- Verifiquem se são escuros o saquinho e a ponta da orelha. São eles que determinam a cor. Ouvíamos atentos, porém a felicidade era tanta que chegávamos a esquecer tal questão.

O pequeno crescia confirmando as previsões.. A cor tomava consistência. As formas de Laura projetavam-se no pequeno rosto. Como dois espectadores assistíamos impassíveis as transformações de cada dia. Nós o invadíamos com nossa presença e ficávamos tomados da sua: Comemorávamos cada novo gesto, cada balbúcio. A alegria foi muitas vezes substituída pelo medo diante de uma febre que não cedia. Era imensa a felicidade diante da descoberta do chá para cura de uma dor qualquer.

O pequeno crescia e nossas mãos já não continham suas novas formas. Somos os dois a conter os seus impulsos. Suamos e muito ante as brincadeiras intermináveis:

- Mais uma vez... Só mais uma... . Rolavam-se bolas, carrinhos, alegria. O pequeno não se cansava. Queria mais, sempre mais.

O riso de Laura diante da situação me fazia sonhar com Marcos adulto, vitorioso, transpondo de forma ímpar os obstáculos que atravessam em nossas vidas.

Passaram-se vários outonos. O pequeno transformou-se. Tornou-se homem. Uma ternura imensa me invadia ao vê-lo tomar entre as mãos o rosto da mãe. Os dois eram lindos em cada uma das partes e proporções.

Outros outonos aconteceram, outras chuvas. Meus cabelos começaram a embranquecer. Os sinais da velhice acentuavam-se. Meus pés não suportavam o calor. Tomavam proporções imensas, inchavam, incomodando demais.

Laura parecia inatingível pelo tempo. Mantinha-se firme. Buscava sempre meios de conciliar idéias, posições conflitantes.

- Casa onde só tem homem dá nisto: todos querem a razão.

Estas palavras acabavam sempre por nos fazer rir e esquecer por algum tempo os desentendimentos que ocorriam por um motivo ou outro.

Meu coração já não suportava mais entrar em desacordo com Marcos. Cheio de medos, sentia-me próximo de um desgosto maior. A calma, a tranqüilidade do lar parecia prestes a se quebrar. Apesar do amor que sentia por nós, Marcos não recuava frente às suas posições. Eu sofria. Laura buscava formas de atenuar meu sofrimento, assim amenizava também sua própria dor.

Ela chegou numa tarde de sol. Marcos tinha suas mãos fortes presas às dela. Sorriram. Laura correspondeu ao riso de forma tranqüila. A decepção expressou-se em meu rosto. Marcos percebeu e o sofrimento do seu coração espelhou-se através do olhar. Foi inevitável o choque. Ela não trazia, nem de longe, a forma bela de Laura. Um rosto pálido, sem vida. Um cabelo sem energia, força ou ousadia. Uma expressão pobre no olhar.

O que aconteceu com o conceito de beleza de Marcos? Em que momento apagou-se em sua memória a beleza da forma dos seus?

O sol parecia queimar a tarde, o ar quente, parado, fazia sofrer as plantas que enfeitavam a sala. Desfalecidas, pareciam também sofrer junto comigo. O que explica esta radical rejeição? O que teriam dito aos seus ouvidos nas esquinas?

Como pôde? Como pôde Marcos trair de forma tão cruel a beleza de Laura? Um ato de violência é o que vejo. Marcos, sem dúvida, decepou diante de nós cada um dos seus membros.

Hoje mais que nunca tenho toda certeza: vivemos o tempo todo uma mentira. Essa que agora revelou-se.

Era uma armadilha. Já não tinha o controle da situação. Não percebi a intensidade das forças que ocultavam-se entre os espaços da rua, jardins e varandas de minha casa. Mascaradas, envolventes, prenderam Marcos de forma irremediável. Estava certo disto.

A amargura tomou o meu Ser. Não conseguia aceitar minha parcela de culpa na história. Às vezes, desatinado, imaginava rumos novos, favoráveis para o fato. Laura, sempre paciente amiga, trazia-me à razão. Aliviava a dor que cheguei a esquecer, em muitas tardes de domingo, diante da inquietude do meu neto correndo entre os espaços da varanda e cozinha, buscando sempre algo que o agradasse. Esta cena emocionava-me e enchia de ternura o olhar de Laura. A mesma inquietude agita meus pensamentos. O tempo não apagou em meu peito o anseio por uma explicação lógica para a traição de Marcos.

Tenho desejado com a alma que meu filho não tenha, simplesmente, apostado sua dignidade neste tipo de aliança.

--- Beba um gole desta água com alecrim e se acalme. Trago já sua camisa.

--- Sim, querida --- respondo aliviado, embora o suor ainda brote em minha frente.

(*Cadernos negros 16*, p. 93)

MARIA

"Terrível e lastimosa sorte é a de um escravo. Se some, é sempre o pior e a mais vil iguaria, se Veste, o pano é miais grosseiro e o traio o mais desprezível, se Dorme, o leito é muitas vezes a terra fria ou uma tábua dura. O trabalho é contínuo, a lida sem sossego, o descanso inquieto e assustado, o alívio pouco e quase nenhum; quando se descuida, teme, quando não pode, violenta-se, e tira da fraqueza força."

(*texto do livro Racismo e Preconceito, de Jones, tradução Dante Moreira Leite J*).

Sim, dizia ele, nós trazemos, dentro de nós, este espírito de luta de nossos antepassados.

Maria adora quando Jorge lhe declama este trecho, tirado não sabe de que livro mas que a encanta muito. Ele sempre lhe diz, mas ela sempre esquece. E ela cada vez mais se encantava com aquele rapaz, pois ele apresentava qualidades que até então ela só encontrara em brancos, mas também, dizia ela, é que ele fizera até o segundo ano de filosofia; não continuara devido a alguns problemas de família. Esta explicação era sempre dada quando Jorge impressionava também suas amigas.

Maria já não pensava em mais nada a não ser ter aquele cara que lhe impressionara tanto, não só à ela mas sua família, amigos. Como era desembaraçado, como sabe dialogar, como parece saber a respeito de tudo, diziam todos.

Jorge, por sua vez, se sentia cada vez mais orgulhoso por ter despertado paixão naquela criatura aparentemente tio frágil, bem indefesa, com tudo para aprender, menina de família - estava quase sempre acompanhada de sua mãe, senhora já de meia idade ou de sua nina bem mais nova que ela.

Maria encontra em Jorge tudo o que sempre procurara no negro e que foi sempre negado pela sociedade na qual vivemos, uma inteligência, um QI, como querem eles. Jorge encontra em Maria tudo aquilo que dignifica um homem, uma menina de família, nem muito inteligente e nem muito burra, e sobretudo com uma virgindade acima de qualquer suspeita; dizia sempre ele, virgindade é algo muito raro hoje e m dia. Quando ele dizia isto ela sempre ficava um tanto confusa, pois varias vezes o escutara dizendo coisas contra virgindade, no centro comunitário do qual ele fazia parte, mas ela jamais ousou contestar o que quer que seja dito por ele, pois quem era ela para discutir com ele? As poucas vezes que tentara, sairá mal, sobretudo no entender dele.

A idéia de casamento, cada vez mais, tomava vulto nos dois,mas como nem toda felicidade é completa, ambos se encontravam diante de um sério problema: mesmo com a grande inteligência e capacidade de apreensão da realidade social em que vive, Jorge não consegue um bom emprego. E Maria como toda boa moça de família costuma freqüentar missas, e, como boa cristã, faz sempre promessas, pedindo isto e aquilo aos santos; pede pois, com todo fervor, para que Nossa Senhora, Mãe e padroeira deste imenso Brasil, ajude o seu Jorge conseguir uma boa colocação, graça esta que, acredita ela, não ser difícil para a Santa realizar, uma vez que Jorge é um cara instruído e de boa aparência.

Em maio e realizado o grande sonho de Maria, no dia 25, para vê i mais precisa. Maria jamais irá esquecer este dia, sem dúvida o mais lindo de sua vida. A igreja fora toda enfeitada de margaridas brancas, estava linda, quase todos os convidados foram à igreja, sua mãe ficou bastante satisfeita pois até o candidato a deputado do bairro compareceu às cerimônias. Jorge estava lindo. Não ficou nem um pouco nervoso durante as cerimônias. Neste dia, a família de Maria gastou nulo o que tinha e o que não tinha. Seu pai fizera questão de arcar com . testa e toda sua despesa sozinho,e já havia dito que não queria saber de qualquer comentário que não fosse favorável à festa, e realmente, tudo correu muito bem.

Maria, como havia prometido, um mês após o casamento, leva a Aparecida do Norte, conforme prometera, uma fotografia do seu grande dia, e deixa-a aos pés da Santa, isto pela graça concedida: O %emprego+ de Jorge e seu casamento. Hoje após 4 anos de casada, Maria com três filhos, na véspera do 49, tem plena consciência da falta de sorte de Jorge, a inveja, disse uma comadre dela, deve ser o que mais atrapalha, por ser ele bonito, inteligente. Pois é, diz ela sempre com pesar: o máximo de tempo que ele conseguiu ficar em um emprego foram cinco meses. Às vezes, quando falta o que comer em casa, Maria chega até pensar que seria melhor se seu marido não fosse nem tão inteligente e nem tão bonito, mas logo ela apaga este pensamento de sua cabeça, ela ama em Jorge, sobretudo,sua grande inteligência. Em horas de grande desespero seu marido tem sempre palavras de alento. "Tudo, querida, tem remédio", e Maria sabe que pode contar com sua mãe. Ela durante todos estes anos não lhe decepcionou nenhuma vez, como o próprio Jorge diz. Sua mãe é ponta, nunca dá furo. O que mais deixa Maria magoada são certos tipos de comentários. Por exemplo: sua irmã teve a ousadia de dizer, outro dia, que o seu Jorge é um grande vagabundo. Diante da infâmia, Maria deixou de conversar com sua irmã durante 5 meses. Uma amiga, outro dia, disse ter visto Jorge em uma festa com uma outra garota. Mas Maria não acredita nestes tipos de comentários a pedido mesmo do próprio Jorge, que diz sempre e com muito carinho: "Só quem pode realmente saber o que sou, ou quem sou é você, que convive comigo 24 horas no dia. Me diga, amor, quem mais pode saber?" Jorge, diz ela, é muito mais que um marido, é um amigo, um amante, a ele só falta um pouco mais de sorte que, sem dúvida;nenhuma,um dia ele terá. Maria tem hoje mais certeza disto

do que ontem, pois isto lhe foi dito por uma Mãe de Santo de um terreiro muito bom que lhe indicara a madrinha de sua filha mais nova que costuma freqüentar terreiro. Quem não gosta deste tipo de coisa é sua mãe; seu maior desgosto, diz ela, é ver sua filha atrás disto. Diz ela ser crendice de preto ignorante. Mas na verdade Maria já não acredita na força destes Santos de Igreja, só oração ela acredita que não funciona, e outra coisa que ela costuma dizer é que neste mundo onde o dinheiro impera, todos, inclusive os Santos, só lhes prestarão favores mediante pagamentos. Jorge costuma também dizer que ignorância é achar que as religiões africanas são crendice. Apesar de Jorge lhe dizer sempre isto, ele não gosta também que Maria vá a centros, o que ela sempre faz escondido para não vê-lo nervoso.

Jorge sempre lhe explica o porquê de não gostar que ela freqüente isto mas ela nunca entendeu. Em dias chuvosos ela se angustia muito, mas ela sempre fora assim, os dias de chuva foram sempre os piores. É nestes dias que ela maldiz sua sorte, sente vontade de deixar tudo, mesmo o bonito e inteligente Jorge, chega mesmo a pensar que sua irmã tem razão, de que ele deveria se esforçar um pouco mais, que beleza, como diz o outro, não vai à mesa. Mas assim que Jorge chega, todo mal pensamento se vai. Jorge tem um poder mágico de lhe aliviar a canseira quando ela chega da faxina da casa de alguma branca azeda; de lhe aliviar o cansaço depois de um tanque de roupa lavado, de uma noite mal dormida devido ao choro de uma criança que quer mamar, que sujou as fraldas ou que está com dor de barriga. Enfim ele tem o poder mágico de aliviar o cansaço da luta pela manutenção do lar que, claro, ele só não o faz devido à falta de sorte, sorte que hoje ele não tem mas que terá amanhã, assim lhe dissera uma cartomante e, mais recentemente uma Mãe de Santo.

Maria de vez em quando, aproveitando o humor de Jorge, pede para que ele declame aquele trecho. Jorge é muito bom, quase sempre entende, e a parte mais comovente é a final, pois toca-lhe bem no fundo, diz ela.

Quando não pode, violenta e tira da fraqueza força.

CONCEIÇÃO, Sônia Fátima. Cadernos Negros 4 (prosa). São Paulo: Edição dos autores, 1981. p.97 . 100.

Branca História

Hoje num esforço sobre humano
lutamos pela integridade do Ser
que a branca história
covardemente esfacelou.

Nossa luta deixou de ser
contra matas serradas
vegetações turbulentas
touceiras de espinhos
flechas, açoites.
Ela se dá bravamente
no asfalto, a céus claros
horizontes abertos.

